

NOVAS POSSIBILIDADES PARA PENSAR A FORMAÇÃO HUMANA DE PROFESSORES: REFLEXÕES ORIUNDAS DO CORPO BIOGRÁFICO ENTRETECIDAS AOS ESTUDOS DO IMAGINÁRIO

NEW POSSIBILITIES FOR THINKING HUMAN ASPECTS OF TEACHER FORMATION: REFLECTIONS FROM THE BIOGRAPHICAL BODY WOVEN WITH STUDIES OF THE IMAGINARY

Andrisa Kemel Zanella¹
andrisakz@gmail.com

Lúcia Maria Vaz Peres²
lp2709@gmail.com

RESUMO

Este texto refere-se a um recorte do estudo desenvolvido por uma das autoras na sua tese de doutoramento, cujo intuito principal visa problematizar a formação humana de professores, em seu estágio inicial, no que tange ao corpo biográfico e ao imaginário. O corpo biográfico será abordado como memória decorrente do trajeto formativo de cinco alunas do Curso de Pedagogia, da Universidade Federal de Pelotas, RS, Brasil. E o imaginário, como um reservatório antropológico que no decurso da formação pode fermentar as representações sobre si-mesmo e, conseqüentemente, sobre os futuros alunos.

PALAVRAS-CHAVE: Formação de professores • Imaginário e educação

ABSTRACT

This text refers to part of one of the authors' PHD thesis whose main purpose was to problematize human aspects of teacher formation, in its early stage, regarding the biographical body and the imaginary. The biographical body will be addressed as the memory resulting from the formative path of five pedagogy students at the Federal University of Pelotas, RS, Brazil. The imaginary will be understood as an anthropological reservoir that can ferment representations of the self and, consequently, of future students, during training teacher formation.

KEYWORDS: Training teacher formation • Education imaginary .



¹ Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Educação, da Universidade Federal de Pelotas, Brasil/RGS, pertencente ao Grupo de estudos e pesquisa sobre Imaginário, Educação e Memória (GEPIEM).

² Pós-doutora em Educação e Imaginário, líder do GEPIEM. Professora da Universidade Federal de Pelotas, Brasil/RS.



INTRODUÇÃO

As reflexões presentes neste trabalho referem-se às discussões entre quem pesquisa e quem orienta os rumos das mesmas. Por um lado, temos a doutoranda que traz os dados preliminares³, por outro, temos a interlocução de alguém que olha de um lugar mais cômodo para ajudar aquela que está imersa na empiria. Mas, o importante é que ambas, ao assumirem a interlocução, cedem lugar ao construído rumo ao pensado que pensa sobre o que fez.

A pesquisa de doutoramento tem seu locus no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil, na Linha Cultura Escrita, Linguagens e Aprendizagem, no interior do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Imaginário, Educação e Memória (GEPIEM). A referida investigação enfoca o imaginário como Reservatório Antropológico e suas relações com o corpo biográfico, a partir de um estudo direcionado às memórias do trajeto formativo, inscritas no corpo das acadêmicas.

O investimento nessa temática teve por objetivo problematizar a necessidade de construir um projeto de formação que contemplasse a dimensão biográfica do corpo, valorizando o patrimônio vivencial de cada estudante como um importante elemento a ser abordado durante a formação inicial de professores. Dessa maneira, propusemos um trabalho de biografização⁴ corporal pela improvisação teatral⁵ às acadêmicas do Curso de Pedagogia, voltado diretamente para a ativação da memória corporal, tendo em vista a relação entre o imaginário e o corpo biográfico.

DESFIANDO OS FIOS DOS CONCEITOS SOBRE O QUE FAZEMOS

Dois conceitos são muito caros neste trabalho: Corpo biográfico e Imaginário. A seguir, mostraremos

como eles estão sendo costurados na tecedura da nossa ideia sobre o que estamos chamando de novas possibilidades para pensar a formação humana de professores.

O conceito de corpo biográfico, inicialmente, foi cunhado por Bois (2008a, 2008b) e, posteriormente, também estudado principalmente por Josso (2008, 2009a, 2009b, 2010). Ele está vinculado diretamente às nossas memórias. Para estudá-lo, lançamos mão à biografização corporal, a qual se constitui como uma narração, organização e re-organização da memória, através da linguagem corporal: gestos e expressões onde cada sujeito, individual e coletivamente, socializa suas experiências; exercita via, narração corporal de si, os papéis da criança que foi ao adulto que ali está. Dessa maneira, cada um é intérprete de sua própria história, que sabemos tem um misto entre verdade e invenção. Aqui entram as coisas e os conteúdos do imaginário...

O imaginário, além de ser um campo teórico cuja grande tônica está no estudo do conjunto de imagens⁶ passadas, presentes e ainda por vir, mostra-nos que todo indivíduo submete-se a um imaginário preexistente (SILVA, 2006). Isso quer dizer que todo sujeito é um fermentador de imaginários. Ele não é um mero álbum de fotografias mentais passadas nem um museu da memória individual ou social, como bem salienta Silva (2006). Mais do que isso. Ele é uma rede sutil e movediça de valores e de relações de imagens que nos afetam e nos matriciam. De acordo com os estudos de Duran (2002), vai constituir o capital pensado do Homo Sapiens. Ele é produzido na conjuntura entre o pessoal e o meio cultural, o subjetivo e o objetivo, podendo ser comparado a uma “malha” que, segundo Peres (1999), tece as relações do homem com e no mundo. Constitui-se na trajetividade entre o gesto pulsional e o meio material e social. Na ligação entre a motricidade primária, incons-



ciente e a representação, encontramos no imaginário uma ancoragem corporal. É nessa ancoragem corporal que podemos ler as grafias como registros no corpo de cada pessoa, a partir das experiências vivenciadas no decurso de seu trajeto formativo e que, de alguma maneira, afetaram-lhe⁷ e promoveram-lhe os sentidos impressos no corpo.

Nossa interlocução com a ideia de corpo biográfico constitui-se a partir de três dimensões: a vivência, a memória e o imaginário. Uma vivência específica⁸ que, realizada no aqui-agora, mobiliza tanto o passado como o presente e o futuro, acionando a memória do sujeito num processo de rememoração e reflexão das experiências que foram marcantes no seu trajeto formativo, visibilizando assim o seu reservatório⁸ imaginário. Por sua vez, o imaginário atualiza a vivência levando a pessoa a uma presentificação e recriação do vivido.

O corpo, em nosso estudo, é considerado em sua inteireza, possuidor de uma memória inscrita em sua carne que revela um universo particular e ao mesmo tempo plural da maneira como cada ser humano se constitui no decorrer de sua vida. Associamos essa concepção de corpo à ideia de “habitação de todas as representações que nos remetem a ele como suporte” (JOSSO, 2009a: p.123) onde ficam registradas as experiências humanas. Seguindo a premissa da autora, podem se tornar autoformadoras se nos apropriarmos dessas recordações-referências, como possíveis experiências que nos levam a caminhar para nós mesmos. Nessa mesma direção, Bois e Austray (2008, p.47) ressaltam que o corpo “é suporte tanto do ‘ser percipiente’ e do ‘ser sentiente’ como do ‘ser pensante’”. Por isso sua importância na formação humana, pois traz consigo outras dimensões que dilatam a relação do ser humano com/ no mundo.

O ser humano, como um ser que

se constitui pela confluência do herdado e do vivido, de suas funções inatas até sua relação com o meio, decorre de um aglomerado de energias impressas, tatuadas, por um lado pelo potencial inato, por outro pelas intimações que o vivido lhe foi demandando. Ou seja, um ser que, ao nascer, longe de ser uma tábula rasa, já traz (em potência) toda uma história de seus ancestrais, que poderá ser atualizada e ampliada pelas intimações da cultura onde está imerso. Esse movimento, por entre experiências vividas e relações com o mundo, vai compondo o trajeto formativo de cada ser. O organismo humano em sua plasticidade vai assimilando em seu corpo grafias (do tipo inscrições), sentidos e saberes, que invariavelmente formam os repertórios e representações, direcionando uma forma de ser, estar e agir no mundo.

Nesse sentido, é necessário destacar que toda representação parte de um trajeto pessoal e coletivo, ao mesmo tempo, mesmo que não tenhamos consciência disso. Portanto, como seres humanos, estamos filiados ao Trajeto Antropológico. Para Durand (2002, p.41), o trajeto antropológico é “a incessante troca que existe ao nível do imaginário entre as pulsões subjetivas e assimiladoras e as intimações objetivas que emanam do meio cósmico e social”. No trajeto antropológico, está subsumida a trajetória dos que nos antecederam e, sobretudo, as nossas trajetórias biográficas. Por isso, nesse trajeto está o trajeto do sujeito, que só percebe as coisas que lhe são significativas por alguma razão, não só pela acomodação das partes, mas por aquilo que tem uma pulsão subjetiva.

Isso vem ao encontro do que defende o autor ao se referir ao imaginário, dizendo que ele

(...) não é mais que esse trajeto no qual a representação do objeto se deixa assimilar e modelar pelos imperativos pulsionais do sujeito, e no qual, reciprocamente, como provou



magistralmente Piaget, as representações subjetivas se explicam “pelas acomodações anteriores do sujeito” (DURAND, 2002, p.41).

Dessa maneira, retomando nosso objeto de estudo, trazemos a pulsão subjetiva associada à ideia de imaginário motor, como elemento a motivar as estudantes a uma investigação das suas fontes imaginárias, com vistas às memórias do trajeto formativo por meio de uma vivência específica em que o corpo foi o foco de um processo de “garimpagem” dos reservatórios imaginários. *“Garimpar” esses reservatórios representa um possível caminho para o ser humano refletir o próprio viver, deparar-se consigo mesmo e identificar as grafias e os sentidos que foram marcantes ao longo do seu trajeto de vida e que são fundantes na maneira como ele foi se constituindo. O imaginário, ao ser “garimpado”, promove um reconhecimento e uma atualização na maneira como cada pessoa interage com o mundo, revelando, assim, aspectos significativos de seu corpo biográfico.*

Diante disso, faz-se necessário ressaltar também o papel da memória como elemento fundamental a perpassar a relação entre imaginário e corpo biográfico. Uma vez que é pela investigação das memórias inscritas no corpo que propusemos esta vivência específica. Para Izquierdo (2004), a memória se relaciona às experiências pessoais, sendo caracterizada como “a aquisição, conservação e evocação de informações. A aquisição se denomina também aprendizado. A evocação também recordação ou lembranças” (IZQUIERDO, 2004, p.15). Vale ressaltar que, para o autor, tanto a formação quanto a extinção da memória estão relacionadas a processos bioquímicos estruturais, resultantes da síntese de novas proteínas. O processo consiste em entender que tudo o que incide nos sentidos é reelaborado, podendo vir a ser uma aprendizagem e, consequentemente, uma nova memória.

Leroi-Gourhan (1965, p.13) relaciona a memória como uma manifestação grupal/coletiva em que o grupo social “apenas sobrevive através do exercício de uma verdadeira memória na qual se inscrevem os comportamentos; (...) no caso dos antropóides, a memória específica de cada etnia baseia-se nesse aparelho não menos complexo que é a linguagem”. A educação insere-se nesse contexto para agir no comportamento operatório⁹ do homem, que traz um condicionamento genético e também um condicionamento nascido da experiência individual.

A memória de construção individual, assim como a inscrição dos programas de comportamento pessoal, são totalmente canalizados pelos conhecimentos, cuja conservação e transmissão são asseguradas em cada comunidade étnica pela linguagem. Surge assim um autêntico paradoxo: as possibilidades de confrontação e de libertação do indivíduo baseiam-se numa memória virtual cujo conteúdo é pertença da sociedade (LEROI-GOURHAN, 1965, p.22).

Já para Izquierdo (2004), há diferentes tipos de memória que variam de acordo com sua duração - memória imediata, de curta duração e de longa duração - e sua função - memória de trabalho, memória declarativa e memória de procedimento ou procedural.

A memória imediata é aquela que dura alguns segundos. Também conhecida como memória de trabalho, ela é evocada para lembrar algo momentâneo, sendo esquecida em seguida. “É evanescente por definição e natureza” (IZQUIERDO, 2004, p. 20). É uma memória extremamente fiel, no entanto, dura pouco tempo.

As memórias de curta e longa duração têm seu início logo depois de adquirida cada experiência ou também, como expõe Izquierdo, “de acontecido um insight” (2004, p.21). A memória de curta duração tem como função principal sustentar aquilo que a pes-



soa acabou de aprender, enquanto a memória de longa duração ainda não está constituída. A memória de longa duração é conhecida também por memória remota, que dura anos e pode ser esquecida com a passagem do tempo. Tal memória pode ser melhorada ou falsificada com a inclusão de novas informações.

Muitas vezes, lembranças muito antigas carregam uma forte carga de emoção, sendo por isso importantes para quem lembra. “As memórias emocionais são gravadas juntamente com a emoção que as acompanha e da qual em boa parte constituem (...) num momento de hiperatividade dos sistemas hormonais” (IZQUIERDO, 2004, p.36).

Na perspectiva de Bergson (1990, p.178),

para que uma lembrança reapareça à consciência, é preciso com efeito que ela desça das alturas da memória pura até o ponto preciso onde se realiza a ação. Em outras palavras, é do presente que parte o apelo ao qual a lembrança responde, e é dos elementos sensório-motores da ação presente que a lembrança retira o calor que lhe confere vida.

Quanto às memórias relacionadas às funções, temos a memória de trabalho, que não deixa arquivos armazenados, e a memória declarativa, que se relaciona ao que se pode declarar que existe, como a lembrança de uma pessoa ou de um poema, entre outras coisas. Essa memória pode se dividir em semântica – adquirida por meio de episódios (aula de francês, aula de ciências, por exemplo) – e episódicas ou autobiográficas – que estão diretamente ligadas a incidentes quaisquer da vida.

As memórias de procedimento ou procedurais são formadas na aquisição de habilidades sensoriais e/ou motoras como andar de patins ou utilizar uma

calculadora, não sendo de fácil explicação.

A PESQUISA EM SI... E AS CONCLUSÕES PROVISÓRIAS

Nossa pesquisa enfocou as memórias de longa duração e declarativas de ordem episódica ou autobiográfica ligadas a acontecimentos marcantes no decorrer do trajeto formativo. O objetivo foi investigar aquelas que podem ter sido fundantes na constituição das acadêmicas e que são muito presentes em suas lembranças, bem como evocar outras que foram esquecidas, em um movimento de apropriação da maneira como foi sendo inscrita a biografia do corpo, em uma perspectiva (auto)formativa de “olhar para si”.

Esse processo de “olhar para si” pressupõe, segundo Josso (2010, p.174-175),

uma visão do ser humano (um dos sustentáculos de nossa cosmogonia) que autoriza a imaginar e acreditar na possibilidade de poder, querer e ter que desenvolver ou adquirir o saber-fazer, saber-sentir, saber-pensar, saber-escutar, saber nomear, saber imaginar, saber avaliar (...) que são necessários às mudanças, à acolhida do desconhecido que vem ao nosso encontro assim que deixamos o caminho de vida programado por nossa história familiar, social e cultural.

Ao “olhar para si”, o ser humano tem a possibilidade de experimentar um processo de reflexão sobre suas experiências de vida. Entendemos como experiências de vida todas as vivências que perpassaram o sujeito, centrando-se nas marcas e representações que imprimiram uma gama de significados que são e foram fundamentais para construir seus repertórios. Para Josso (2009b, p.137), “a experiência é produzida por uma vivência que escolhemos ou aceitamos como fonte de aprendizagem particular ou formação de vida. Isso significa que temos de fazer um trabalho de reflexões sobre o que foi vi-



venciado e nomear o que foi aprendido”.

Ao propor às acadêmicas um trabalho de “olhar para si” e explorar os reservatórios imaginários, a partir da biografização corporal pela improvisação teatral, incitamos ao exercício de reconhecimento e reflexividade de suas experiências de vida, o que provocou uma emersão de memórias do trajeto formativo que ficaram inscritas no corpo de cada uma delas, reveladas em nosso estudo através dos gestos provenientes das ações realizadas durante o trabalho.

Nesse sentido, ainda é fundamental problematizar acerca dos gestos, como uma biografia do corpo, especialmente porque Durand considera o gesto como primórdio do imaginário. Em seu livro *As Estruturas Antropológicas do Imaginário* (2002, p.41), refere-se a Bachelard para evidenciar que “os eixos das invenções fundamentais da imaginação são os trajetos dos gestos principais do animal humano em direção ao seu meio natural, prolongado pelas instituições primitivas tanto tecnológicas como sociais do homo faber”. Isso significa que nossos gestos são construídos a partir das vivências no meio (social, cultural e histórico) no qual estamos inseridos, bem como pelo movimento subjetivo da relação do homem com e no mundo, a partir do pensamento simbólico. Cabe ressaltar que o ser humano também traz vestígios de gestos passados, seja do trajeto imediato, seja do trajeto do antropos. Por isso, a Antropologia do Imaginário defende que “qualquer gesto chama a sua matéria e procura o seu utensílio, e que toda a matéria extraída, quer dizer, abstraída do meio cósmico, e qualquer utensílio ou instrumento é vestígio de um gesto passado” (DURAND, 2002, p.42).

A linguagem gestual apresenta-se como potente e detonadora de imagens de que, muitas vezes, a palavra não consegue dar conta. “Desta maneira, o ‘corpo inteiro colabora na constituição da imagem’ e as ‘forças constituintes’

que coloca na raiz da organização das representações parecem-nos muito próximas das ‘dominantes reflexas’”¹⁰ (DURAND, 2002, p. 50).

Nessa perspectiva, os gestos representam a possibilidade de uma leitura amplificadora do corpo, revelando um universo simbólico que permeia as ações do ser humano. Focar no universo simbólico significa uma predisposição a investigar o que não é visto a “olho nu”, uma vez que o símbolo, (que não é simplesmente um signo ou sinal e depende de interpretação direta, mas recondutora e amplificadora), surge dos movimentos do inconsciente coletivo e arquetipológico. Tal universo simbólico é criador do homem e da cultura, preenchendo uma função favorável à sua vida pessoal e social (CHEVALIER, 2009), bem como aspectos profundos da realidade.

Portanto, ao investirmos em um trabalho de ativação da memória corporal, tendo em vista a relação entre o imaginário e o corpo biográfico, a leitura que fazemos dos gestos possibilitou acessarmos o universo simbólico de cada uma das estudantes, a partir das imagens que as habitam. O que propusemos com isso foi explorar um “conhecimento indireto” com o intuito de dar vazão às imagens que presentificam um vivido a partir de uma re(a) apresentação no momento de improvisação teatral. Com isso queremos dizer: dar vazão

ao objeto que não pode se apresentar à sensibilidade “em carne e osso”, como, por exemplo, nas lembranças de nossa infância, na imaginação das paisagens do planeta Marte, na inteligência da volta dos elétrons em torno de um núcleo atômico ou na representação de um além-morte. Em todos esses casos, o objeto ausente é re-(a)presentado à consciência por uma imagem, no sentido amplo do termo” (DURAND, 1996, p.11-12).

Cabe ainda ressaltar que a ima-



gem presentifica um vivido a partir de uma re-(a)presentação à consciência. Estudá-la significa acentuar a virtude de sua origem, “apreender o próprio ser de sua originalidade e em beneficiar-se, assim, da insigne produtividade psíquica que é a imaginação” (BACHELARD, 2009, p. 3).

A escolha de biografização corporal pela forma teatral improvisada proporcionou-nos estar diante de um contexto imprevisível, que se materializou em atitudes, comportamentos, ações, intenções que estavam associadas à história de vida das estudantes, através da expressão do seu corpo naquele momento único que elas viveram o seu gestual em cena. Estar atento à linguagem sem palavras do gesto talvez seja a grande questão do corpo que estamos tematizando. Um corpo que é de carne, mas que também é sensível, pelo fato de emergir de um contato íntimo e direto da pessoa consigo mesma, com os outros e com o mundo à sua volta (BOIS e AUSTRY, 2008); um corpo que se constrói nas interações do sujeito ao longo de seu trajeto formativo. São essas interações que ficam na memória do corpo, registradas no reservatório de cada pessoa através de sensações, impressões, sentimentos e gestos. E que poderão ser resgatados posteriormente, através de uma escuta do que emerge de si.

Acreditamos na ideia de que o corpo tem voz e que, conforme o vamos escutando, abrimos espaço para todo um reservatório de imagens que compõe a história de cada ser humano. A pesquisa aqui apresentada vem anunciando a possibilidade de abordar a dimensão biográfica do corpo como um

dos elementos formadores da condição humana. Entretecendo isso com os estudos do imaginário, podemos dizer que o corpo biográfico, como uma fonte racional e não-racional de impulsos para a ação, é também uma represa de sentidos, de emoções, de vestígios, de sentimentos, de afetos, de imagens, de símbolos e de valores. Sendo assim, é por meio do imaginário que a biografização encontra reconhecimento no outro e reconhece-se a si mesmo.

O trabalho nessa perspectiva é um campo (quase) ainda não explorado. Assim, pensamos que este ângulo de pesquisa constitui uma contribuição significativa para as pesquisas (auto)biográficas, ao propor o processo de biografização pela expressão do corpo. A nossa intenção está em abrir o debate em torno da pertinência em incluir a abordagem do corpo biográfico na formação de professores.

Nesse sentido, ressaltamos que o imaginário revela-se muito especialmente como um lugar de “entre saberes” (DURAND, 1996), onde pode “conversar” com qualquer fenômeno. Diante desse trabalho, que se encontra com a nossa trajetória de pesquisa e ensino no contexto educacional, pensamos ser importante introduzir um trabalho biográfico sobre o corpo na formação do futuro professor. Apostamos nessa premissa por considerar pertinente investir na formação psíquica, pessoal e existencial do estudante de Pedagogia como um possível caminho a trabalhar a interação, a presença de si, criatividade e imaginação simbólica no âmbito da Instituição Universitária.



NOTAS EXPLICATIVAS

Este texto é resultado de uma comunicação apresentada no Colóquio «La recherche biographique aujourd'hui. Enjeux et perspectives», realizado em Lille, na França, no ano de 2011, que foi selecionada para integrar a publicação de um livro. Intitulado “La recherche biographique en éducation”, o livro é organizado por Christophe Niewiadomski, Christine Delory Momberger, Elizeu Clementino de Souza & Maria Conceição Passeggi, e será lançado pela Editora L’Harmattan, sem data prevista.

- ³ Refere-se aos primeiros achados que antecederam o período da análise dos dados.
- ⁴ É importante ressaltar que há uma grande discussão e produção sobre a biografização por meio de narrativas de vida, escritas e orais, no campo da educação. Trazemos esse conceito embasado nos seguintes autores: PINEAU, G. A autoformação no decurso da vida: entre a hétero e a ecoformação In: __ ANTÓNIO NÓVOA, M. F. O método (auto)biográfico e a formação. São Paulo: Paulus, 2010. p.99-118. Pineau (2010), que considera a biografização um método de investigação-ação, na mesma medida que um instrumento pedagógico de implicação e consciência do indivíduo ao narrar sua história de vida; Josso (2008), que evidencia o trabalho biográfico como um caminho à peregrinação “vital” à procura de um saber viver, destacando que cada narrativa traz um esclarecimento particular ao conceito de formação, provocando outras e novas questões nesse processo de formação do indivíduo; DELORY-MOMBERGER, C. Biografia e educação: figuras do indivíduo-projeto. São Paulo: Paulus, 2008. Delory-Momberger (2008), que destaca a narrativa como gênero discursivo que dá lugar à história de vida, sendo um espaço para o ser humano se formar, experimentar e elaborar sua história de vida.
- ⁵ Os encontros consistiram de atividades de improvisação teatral inspirada na obra de KORCZAK, J. Quando eu voltar a ser criança: São Paulo: Círculo do Livro, 1987. Korczak, (1987) “Quando eu voltar a ser criança”, em sintonia com os estudos preconizados por Durand (2002) através da imaginação simbólica. Constituiu-se num processo de narrar-se com o corpo (re)presentando momentos que foram marcantes em suas vidas.
- ⁶ Durand (2002) utiliza o termo imagem e não representação. Para o autor, o termo imagem é mais significativo, uma vez que diz respeito a tudo o que nos habita enquanto seres humanos.
- ⁷ Esses registros foram percebidos em nossa pesquisa pelos gestos de cada estudante, como resultados das ações durante a proposta de trabalho. Os gestos englobam também os sentimentos, as marcas, as imagens, as sutilezas, bem como os modos de cada indivíduo ser, estar e agir no mundo.
- ⁸ O termo vivência específica é utilizado por nós, inspirado em Bois (2008), como o ato de vivenciar no aqui-agora a nossa proposta de trabalho - biografização corporal pela improvisação teatral. O ato de vivenciar direciona a pessoa a assumir o papel de ator e espectador nesse processo, estando atenta ao momento vivido, deixando-se tocar pelo que lhe é significativo, numa postura aberta para as aprendizagens daí decorrentes.
- ⁹ Na esteira de Gilbert Durand, o pesquisador brasileiro Silva (2006) ajuda-nos a pensar na ideia de que **o imaginário é um reservatório. Reservatório, por agregar imagens, sentimentos, lembranças, experiências e visões do real que proporcionam realizar o imaginado. Nesse sentido, ele pode ser caracterizado como a impressão digital (gráfica) do mundo no corpo, ao longo do processo de formação.**
- ¹⁰ No domínio do comportamento operatório do homem, o autor distingue três planos: 1) ligado aos comportamentos automáticos e à natureza biológica; 2) relativo às cadeias operatórias que são adquiridas pela experiência e pela educação; 3) relativo a um comportamento lúcido em que a linguagem será preponderante.
- ¹¹ Em relação às dominantes reflexas, Durand (2002) busca na reflexologia da Escola de Leningrado o princípio de classificação e a noção de “gestos dominantes”.

REFERÊNCIAS

BACHELARD, G. *A poética do devaneio*: São Paulo: Martins Fontes, 2009.

BERGSON, H. *Matéria e memória*: ensaio sobre a relação do corpo como espírito: São Paulo: Martins Fontes, 1990.

BOIS, D. Da fasciaterapia à somato-psicopedagogia – análise biográfica do processo de surgimento de novas disciplinas In: __ BOIS, D., et al. *Sujeito sensível e renovação do eu* – as contribuições da Fasciaterapia e da Somato-psicopedagogia: São Paulo: Paulus, 2008a. p.43-74.



BOIS, D. O eu renovado: introdução à somato-psicopedagogia: São Paulo: Idéias & Letras, 2008b.

BOIS, D., AUSTRY, D. A emergência do paradigma do sensível. *Revista @mbienteeducação*, v. 1, n. 1, jan.-jun. 2008.

CHEVALIER, J. *Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*: Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.

DELORY-MOMBERGER, C. *Biografia e educação: figuras do indivíduo-projeto*: São Paulo: Paulus, 2008.

DURAND, G. *Campos do imaginário*: Lisboa: Instituto Piaget, 1996.

DURAND, G. *As estruturas antropológicas do imaginário: introdução à arquetipologia geral*: São Paulo: Martins Fontes, 2002.

IZQUIERDO, I. *Questões sobre memória*: São Leopoldo, RS: UNISINOS, 2004.

JOSSO, M.-C. O caminhar para si: uma perspectiva de formação de adultos e de professores. *Revista @mbienteeducação*, v. 2, n. 2, p. 136-199, ago.-dez. 2009b.

JOSSO, M.-C. As narrações do corpo nos relatos de vida e suas articulações com os vários níveis de profundidade do cuidado de si In: __ VICENTINI, P. P., ABRAHÃO, M. H. M. B. *Sentidos e potencialidades e usos da (auto)biografia*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. p.171-192.

JOSSO, M. C. Introdução. As instâncias da expressão do biográfico singular plural: junção de uma abordagem intelectual à abordagem sensível na busca de doações do corpo biográfico In: __ BOIS, D., et al. *Sujeito sensível e renovação do eu: as contribuições da Fascioterapia e da Somato-psicopedagogia*. São Paulo: Paulus, 2008. p.13-40.

JOSSO, M. C. A Imaginação e suas formas em ação nos relatos de vida e no trabalho autobiográfico: a perspectiva biográfica como suporte de conscientização das ficções verossímeis com valor heurístico que agem em nossas vidas In: __ PERES, L. M. V., et al. *Essas coisas do imaginário diferentes abordagens sobre narrativas (auto)formadoras*. São Leopoldo: Oikos, 2009a. p.118-147.

KORCZAK, J. *Quando eu voltar a ser criança*: São Paulo: Círculo do Livro, 1987.

LEROI-GOURHAN, A. *O gesto e a palavra - 2 - memórias e ritmos*: Lisboa: Edições 70, 1965.

PERES, L. M. V. *Dos saberes pessoais à visibilidade de uma pedagogia simbólica*. 1999. Dissertação. - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 1999.

PINEAU, G. A autoformação no decurso da vida: entre a hétero e a ecoformação In: __ ANTÓNIO NÓVOA, M. F. *O método (auto)biográfico e a formação*. São Paulo: Paulus, 2010. p.99-118.

SILVA, J. M. *As tecnologias do imaginário*: Porto Alegre: Sulinas, 2006.